

FLORESTAN FERNANDES, ANÍSIO TEIXEIRA, O CBPE E O CRPE-SP: A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE UM PROJETO DE PAÍS VOLTADO À NOSSA DIVERSIDADE

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini ¹

RESUMO

Este artigo resulta de investigação acerca dos trabalhos de educadores que pertenceram ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, no período iniciado em 1955 até 1964, quando após o golpe empresarial militar os Centros tiveram as suas atividades esvaziadas e seu projeto descaracterizado com a destituição de Anísio da direção do INEP. Nos limites deste espaço elencamos, devido a sua relevância, projetos de Florestan Fernandes, atuante no CRPE-SP e de Anísio Teixeira, idealizador dos Centros e um de nossos maiores educadores, incansável defensor da escola pública. Recorremos a fontes primárias pesquisadas no rico acervo documental do Centro de Memória da Educação da FEUSP e à pesquisa bibliográfica de obras de Florestan e Anísio, analisados à luz de concepções de Raymond Williams, autor gramsciano que introduz os estudos culturais no marxismo, articulados à base de produção material da vida, na perspectiva de edificação da sociedade democrática. Consultamos artigos sobre os Centros e textos de comentadores de Williams. Concluímos que a pujança das pesquisas e ações realizadas nos Centros por Florestan, revelavam o compromisso com um projeto de país, compreendendo a nossa diversidade e buscando a inclusão dos negros, dos indígenas, do homem do campo e do migrante, ao investigar, com Bastide, as tensões étnicas em pesquisa sobre o negro, estudando ainda a cultura dos Tupinambás, os fatores de nosso subdesenvolvimento e a fragilidade de nossa democracia, destacando a importância de aliar raça e classe nas discussões sobre emancipação popular. Anísio enfatizava o combate à “seletividade perversa” de nosso sistema educacional e, com Florestan e outros, alargou o campo da investigação educacional, aliando o conhecimento de educadores, cientistas sociais, historiadores e antropólogos, estudando as comunidades, os problemas regionais, culturais e sociais, visando construir uma sociedade incluyente, “educada, democrática e participativa”, como preconizava Williams.

Palavras-chave: Diversidade, inclusão, sociedade democrática, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Centro Regional de Pesquisas Educacionais-SP.

INTRODUÇÃO

Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem (Hobsbawm, 1995, p. 13)

Na perspectiva de resgatar a concepção de um destino coletivo para o nosso país, forjado nos ideais de solidariedade humana e luta contra a desigualdade social, marcante no Brasil, visamos em nossa pesquisa investigar as ideias, atuações e contribuições de

¹ Profa Associado IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, UFF, angmlini@gmail.com O artigo é resultado de pesquisa efetuada em estágio pós-doutoral, realizado na Faculdade de Educação da USP, sob a supervisão da Profa Carmen Sylvia Vidigal Moraes.

educadores que pertenceram ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, sobretudo no período que se inicia em 1955, data da criação do CBPE, até 1964, quando ocorreu o golpe empresarial militar que destituiu Anísio Teixeira da direção do INEP, cerceando as suas atividades na esfera pública, provocando um esvaziamento dos Centros Brasileiro e Regionais de Pesquisa, promovendo perseguições aos educadores comprometidos com as classes populares e reprimindo fortemente os movimentos sociais.

A peculiaridade dos anos de 1950-1960 reside no fato de ser um período entre ditaduras, marcado por uma efervescência política e cultural, pela atuação de intelectuais, artistas e da juventude universitária em prol de uma sociedade mais igualitária e justa. Buscava-se romper com concepções que traduziam apreço pelo conservadorismo, pelas velhas formas de organização da escola tradicional, inovando nas propostas voltadas à cultura popular e à educação de jovens e adultos e visando adequar a educação às necessidades do país. O período democrático favorecia o despontar dessas iniciativas inovadoras, em um contexto sócio histórico também marcado por contradições, no período da “guerra fria”, com os grupos de esquerda empenhados na defesa das reformas de base – reforma agrária, reforma urbana – cultura e educação popular, e o nacional desenvolvimentismo, enquanto o empresariado nacional e transnacional, aliados aos generais pertencentes à Escola Superior de Guerra, defendiam a doutrina da interdependência (Saviani, 2008; Tamberlini, 2021).

Cabe destacar, no campo da educação, a importância da criação do CBPE e dos Centros Regionais e das propostas e ações de seus intelectuais. Nos limites deste artigo visamos analisar as contribuições de Anísio Teixeira, idealizador dos Centros, um de nossos mais notáveis educadores, comprometido com a defesa da escola pública, livre de concepções religiosas e particularistas (Nunes, 1998).

Também comprometido com o acesso das classes populares à educação sistematizada, sensível à diversidade de nossa população, em grande parte alijada do atendimento por nosso sistema educacional, Florestan Fernandes, brilhante intelectual orgânico, participou ativamente do projeto de elaboração do CRPE-SP e nos deixa um legado significativo para refletir sobre a educação brasileira e a democratização do acesso ao sistema educacional, socialmente referenciado. Florestan e Anísio se dedicaram à tarefa de conhecer e pensar o Brasil real, com as suas agudas diferenças regionais, e seus multifacetados aspectos da exclusão social. Recuperar esta memória nos traz subsídios para refletir e enfrentar problemas ainda não equacionados em nossa frágil democracia.

Para a realização desta pesquisa recorremos a fontes primárias pesquisadas no rico acervo documental do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da USP e à pesquisa bibliográfica de obras de Florestan e Anísio, analisados à luz das concepções de Raymond Williams, que tomamos como referencial teórico metodológico. Williams, autor gramsciano, introduz os estudos culturais no marxismo, articulados à base de produção material da vida, na perspectiva de edificação da sociedade democrática, com vasta obra sobre literatura, meios de comunicação, teatro, cinema, em que não só aprofunda suas reflexões sobre essas diversas manifestações culturais, como também as utiliza como ferramentas para formação da classe trabalhadora inglesa. Consultamos artigos sobre os Centros e textos de Raymond Williams e de seus comentadores. Concluímos que a pujança das pesquisas e ações realizadas nos Centros por Florestan, dentre outros intelectuais, revelavam o compromisso com um projeto de país, compreendendo a nossa diversidade e buscando a inclusão dos negros, dos indígenas, do homem do campo e do migrante, ao investigar, com Bastide, as tensões étnicas em pesquisa sobre o negro, estudando ainda a cultura dos Tupinambás, os fatores de nosso subdesenvolvimento e a fragilidade de nossa democracia, destacando a importância de aliar raça e classe nas discussões sobre emancipação popular. Anísio enfatizava o combate à “seletividade perversa” de nosso sistema educacional e, com Florestan e outros, recuperando e analisando problemas oriundos de nosso processo civilizatório, alargou o campo da investigação educacional, aliando o conhecimento de educadores, cientistas sociais, historiadores e antropólogos, estudando as comunidades, os problemas regionais, culturais e sociais, visando construir uma sociedade incluyente, “educada, democrática e participativa”, como preconizava Williams.

Assim sendo, consideramos de fundamental importância recuperar a memória destas concepções, contribuições e experiências educacionais exemplares para, ao romper com a “reificação do presente” que hoje impera, questionarmos a “recusa em acreditar que instituições humanas poderiam ser diferentes” (Foster, 1999, p.196).

METODOLOGIA

Para efetuar a pesquisa documental, nos valem da consulta ao precioso acervo do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da USP, que disponibiliza significativo conjunto de fontes primárias sobre o CRPE-SP, e também do CBPE, contendo documentos que abrangem todo o período de funcionamento do Centro, englobando as várias divisões, de Aperfeiçoamento do Magistério, do Serviço Administrativo, do Serviço de Documentação, do Serviço de Publicações, de Recursos

Audio Visuais, de Estatística, de Relações Públicas, da Revista Pesquisa e Planejamento, considerada “o núcleo formador da Revista Educação e Pesquisa, da Faculdade de Educação da USP” (Penin; Souza, 2010, p.19, apud Ferreira, 2021, p.5), da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais e Sociais, além de Boletins Informativos. Documentos redigidos pelos vários intelectuais que atuaram no Centro também fazem parte desses documentos. Seleccionamos, nos limites deste artigo, alguns documentos mais vinculados à atuação de Anísio Teixeira e Florestan Fernandes, atendendo aos nossos objetivos aqui delineados. Efetuamos pesquisa bibliográfica da obra de Florestan Fernandes e Anísio Teixeira, cotejando-as com textos de Raymond Williams e seus comentadores, permitindo-nos evidenciar as aproximações entre os intelectuais que estudamos e as formulações do autor galês, com ênfase em seu conceito de cultura e da tarefa do intelectual socialista.

A IMPORTÂNCIA DO CBPE E DO CRPE-SP

Criados nos anos de 1950, em 1955 o CBPE e em 1956, o CRPE-SP, em período marcado pelo avanço do processo de industrialização, pela busca da modernização do país e divulgação da cultura urbana, as discussões sobre a educação e seu papel social, voltado ao desenvolvimento econômico da nação, ganham centralidade. Preocupado com o combate à desigualdade social, Anísio, que assumira a direção do INEP em 1952, já com considerável experiência nos cargos de gestão pública, empenhando-se em um projeto de ampla envergadura ao planejar e criar o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais, com o intuito de coordenar estudos sociológicos, antropológicos, estatísticos e históricos sobre a realidade brasileira, compreendia a importância da educação como propulsora do desenvolvimento nacional, mas tinha consciência de que os problemas ligados à educação transcendem o interior da escola.

O Centro Brasileiro, criado no Rio de Janeiro, então capital da República, e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, criados em São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre compunham um projeto que visava “colocar as Ciências Sociais a serviço da reconstrução educacional do país” (Beisiegel, 2013, p.595). Anísio, Florestan e seus vários participantes pretendiam, por meio da pesquisa e da investigação científica, adequar o sistema educacional às demandas e complexidades das necessidades de nosso país como um todo. Contribuíram para ampliar o escopo da pesquisa em educação, institucionalizando a sociologia educacional com a colaboração

de vários intelectuais progressistas. Debruçaram-se sobre as questões regionais, locais e as comunidades, visando impulsionar o desenvolvimento regional, rumo à democratização de nosso país. Era a primeira vez que o Estado apoiava iniciativas regionais de estudos.

Durante o período de vigência dos Centros, eles interagiam entre si, com as universidades dos locais onde foram instalados, e com os movimentos sociais: ofereciam cursos para pesquisadores na área de educação, assessoravam secretarias municipais e estaduais de educação, promoviam seminários, projetos de alfabetização e cultura popular, efetuavam pesquisas empíricas, cursos e publicações, abordando temas da realidade brasileira. E ainda promoviam a formação de educadores latinoamericanos, ofertando cursos para pesquisadores de diversos países da região, conforme atestam as várias monografias presentes no acervo do CRPE no Centro de Memória da Educação da FEUSP.

Desde que assumira a direção do INEP, em 1952, Anísio lutava incansavelmente para obter condições concretas para a realização de seus projetos. Em trabalho apresentado ao Congresso Nacional de Educação, realizado em Curitiba, de 07 a 13 de janeiro de 1954, intitulado “Sobre o problema de como financiar a educação do povo brasileiro – bases para discussão”, ele faz propostas para a aplicação dos recursos vinculados à educação, previstos na Constituição então em vigor, pelos órgãos federados, União, Estados e Municípios, defendendo autonomia e normas próprias para o Ministério da Educação e Cultura, com “uma grande amplitude de ação no cumprimento de seus fins de velar pela melhor formação nacional possível” (Teixeira, 1954, p.11). Defendia a existência de Conselhos Estaduais e Municipais de Educação e a subvenção de “auxílios por aluno” pelo Estado e União, afirmando que a educação é um direito de todos, previsto na Constituição e para garanti-lo “torna-se indispensável a manutenção de um sistema de escolas públicas e gratuitas, para toda a população” (idem, ibidem, p.9).

Firme em seu propósito de fazer do INEP um indutor de políticas públicas para breçar a “seletividade perversa” presente em nosso sistema educacional, contou com a contribuição engajada de Florestan Fernandes na elaboração do projeto do CRPE de São Paulo, sob a direção de Fernando de Azevedo, que teve como colaboradores ativos, Florestan e Antônio Cândido. A pesquisa empírica e os estudos de comunidade visavam articular o desenvolvimento regional ao nacional.

A utilização das Ciências Sociais como referencial teórico-metodológico consistiria na utilização de seus resultados

como subsídio à introdução de modificações abrangentes no sistema de ensino e nos seus métodos, de forma que a educação pudesse ser tomada como um fator social construtivo nos processos de desenvolvimento e democratização da sociedade brasileira (Ferreira, 2008, p. 283-284, apud Gonçalves; Zitkoski, 2019, p.350).

Florestan (1959, p.1, mimeo) corroborava com esta acepção e afirmava, em texto apresentado no “Primeiro Simpósio sobre Problemas Educacionais Brasileiros” que em país econômica, social e culturalmente subdesenvolvido, “a educação preenche funções sociais construtivas e é de interesse da coletividade que essas funções sejam exploradas na medida do possível, de modo coordenado e inteligente”.

Ampliando o escopo das discussões e análises sobre o nosso sistema educacional, Anísio, Florestan e muitos outros intelectuais dos Centros, cujas ações eram informadas, sobretudo, pelo empenho em democratizar, não só o acesso à educação, mas, também, a transformação de nossa estrutura social oligárquica, se debruçaram sobre os entraves de nosso processo civilizatório que barravam o acesso da maioria da população aos bens culturais e materiais usufruídos apenas pela classe dominante, destacando a importância de considerar outros fatores que interferem na educação ao se valerem do planejamento concebido como processo social, voltado à permitir uma intervenção racional em nosso sistema educacional.

AS FUNDAMENTAIS CONTRIBUIÇÕES DE ANÍSIO TEIXEIRA E FLORESTAN FERNANDES À LUZ DAS IDEIAS DE RAYMOND WILLIAMS

Compreendendo que “também nos movimentos sociais e populares os processos educativos estavam envoltos em dinâmicas coletivas de reconstrução didática e pedagógica” que, segundo Anísio, reformulavam as suas práticas por meio de inovações com a contribuição de ciências humanas e sociais, pretendia “tornar visíveis pela investigação e pela pesquisa os caminhos promissores rumo a uma escola atenta aos processos da aprendizagem, portanto, atenta aos alunos e a suas aptidões prévias”(Gonçalves; Zitkoski, 2019, p. 355).

Com o intuito de combater a exclusão de amplo contingente de crianças fora da escola, os pesquisadores dos Centros consideravam as diferenças culturais presentes em nosso país devido à complexidade de nossa formação histórica e social. As pesquisas regionais e de comunidade lançavam luz sobre essas diferenças e seus impactos na

aprendizagem das crianças periféricas ou oriundas do meio rural, diante de uma escola com referências marcadamente urbanas, com currículos e práticas característicos de classes sociais de maior renda no espaço citadino. As diferenças socioeconômicas também influenciavam o rendimento escolar.

Florestan foi um dos intelectuais que insistiu para que a infância e os estudos a respeito da infância se sobrepusessem aos estudos acerca das crianças e suas dificuldades escolares. Ou seja, de suas intervenções, CRPE-SP recebia constantes estímulos para que a análise do modo de viver predominasse sobre as análises de desempenho (FREITAS, 2014, p.689).

Anísio, reconhecendo a amplitude da situação educativa, afirmava que esta envolve “o indivíduo em sua totalidade, com todas as variáveis dele próprio e de sua história e de sua cultura e da história dessa cultura, e mais as da situação concreta, com seus contemporâneos e os seus pares, seu professor e sua família” (Teixeira, In: Brandão; Mendonça, 2008, p. 247-248).

Anísio e Florestan compreendiam a complexidade da ação educativa e o fato de que a solução dos problemas educacionais exigia uma mudança social organizada, a ser realizada a partir da análise de nosso processo civilizatório e da inadequação de nosso sistema educacional às nossas necessidades socioculturais. Florestan (1972, p.414) assinalava que os nossos graves problemas educacionais se devem à nossa herança “escravocrata e senhorial, a uma situação dependente inalterável na economia mundial, instituições políticas fundadas na dominação patrimonialista” e à difusão da ideia que convertia “a educação sistemática em símbolo social dos privilégios e do poder dos membros e das camadas dominantes”.

Os pesquisadores dos Centros, céticos em relação às avaliações que metrificavam o rendimento dos alunos e questionando os fundamentos homogeneizantes da escola seriada, compreendiam os entraves das questões sociais no que tange ao acesso e aproveitamento da cultura escolar. Ao discorrer sobre os desafios que deveriam ser enfrentados para democratizar o acesso à educação sistematizada, Florestan (idem, ibidem, p.417) nos apontava o enfraquecimento das funções potenciais da educação sistemática, não organizada para servir as comunidades e seus centros de interesse, constatando que, “em todos os níveis de ensino, a escola passa a operar, indistintamente, como mero fator de transmissão ou de preservação da parcela de *cultura* herdada através do complexo processo de colonização”. Além de se valer de técnicas obsoletas e poucos recursos, Florestan afirmava que a escola não atendia a nativos e caboclos, nem à expansão demográfica, tanto à expansão da agricultura, quanto de núcleos urbanos

regionais, não educando nem o homem do campo, nem o homem da cidade e a escola primária sequer atendia à alfabetização. Florestan destacava a ausência de plasticidade do sistema, que não preenchia funções socializadoras que poderiam promover o nosso desenvolvimento e afirmava que a evolução do regime democrático exige a influência socializadora da escola às classes populares.

Todo o trabalho realizado pelo CBPE e os Centros Regionais, ao abrir perspectivas para a pesquisa interdisciplinar e o desenvolvimento das ciências sociais aplicadas, buscava romper com a mentalidade pré-capitalista e atuar em defesa dos requisitos morais e materiais de organização da vida humana, na civilização científica, tecnológica e industrial, relatava Florestan. Ao afirmar que “o elemento nuclear da concepção pedagógica de Anísio Teixeira: a educação não é privilégio; a Educação deve ser posta ao alcance dos mais pobres, dos mais humildes”, Florestan (1991, p.37) destacava que Anísio “travou essa batalha durante toda a sua vida”. E seguia apontando que a universidade deve “levar o conhecimento mais avançado àqueles que não tiveram a oportunidade de aprender, àqueles que foram expulsos. Primeiro, foram expulsos socialmente e, depois, cultural e economicamente, e precisam ser reincorporados” (idem, p.47). Florestan (1972) enfatizava que o CRPE-SP suplementou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em algo que ela nunca fez e evidenciava que o cientista social realizava tarefas até aquele momento não consideradas no âmbito do pensamento científico, dando uma contribuição que vai além da carreira acadêmica e destacava que em países subdesenvolvidos os intelectuais devem ser agentes de mudança cultural, cabendo aos cientistas sociais promover o alargamento do horizonte cultural e da consciência social.

Imbuído dos mesmos compromissos com as classes populares, é possível estabelecer aproximações entre os fundamentos teórico-metodológicos da obra e atuação de Raymond Williams, intelectual galês, com as pesquisas, escritos e práticas dos educadores aqui estudados. Williams, intelectual gramsciano, toma do marxismo a importância da base de produção material da vida, necessariamente associada à cultura e, em visão ampliada da obra do pensador alemão, se vale do conceito gramsciano de hegemonia, introduzindo os estudos culturais no marxismo à medida que concebe a cultura, não como reflexo da estrutura, mas compreende estrutura e superestrutura como dimensões relacionais. As relações de produção não determinam a vida cultural e, sim, a delimitam, condicionam, abrindo caminho para a ação humana, para a possibilidade de transformação.

Tal como Anísio, que defendia o investimento público na educação estatal, laica e democrática, Williams (2015) afirmava que educação, assim como a cultura, é algo comum: rechaçava a ideia de que educação fosse o treinamento para um emprego, para formar cidadãos úteis ao sistema, ela não é apenas tecnologia, a educação humana deve ser ofertada a todos, bem como o acesso à cidadania plena, e defendia mais subsídio público para a arte, a educação, bibliotecas, museus, orquestras, galerias, educação de adultos e propunha a redução de gastos com propagandas.

Williams não separava cultura erudita e popular, ou arte e política, considerando que elas traduzem interesses humanos gerais e não para privilegiados, afirmando que a democracia não comporta, de um lado, uma cultura sofisticada e, de outro, uma massa entorpecida. Discorrendo sobre cultura e democracia e quem acredita na democracia, o pensador galês afirmava que quem acredita são as milhões de pessoas que a ela não têm acesso, mesmo trabalhando e vivendo na Inglaterra.

Como sempre há uma energia transformadora e o negócio do intelectual socialista é o que sempre foi: atacar as travas da energia – nas relações industriais, na administração pública, na educação, para começar; e trabalhar para o seu próprio campo para que essa energia, como dissemos, possa ser concentrada e fertilizada (Williams, 2015, p.27).

Durante quinze anos, de 1946 a 1961, Williams se dedicou à educação de adultos, trabalhando como tutor, nos projetos de extensão universitária envolvendo uma parceria entre a Universidade de Oxford e a Workers' Educational Association, WEA (Associação Educacional dos Trabalhadores) e utilizou a literatura, o teatro e, sobretudo, o cinema, em suas aulas para adultos e também para os universitários, recorrendo à crítica fílmica, discutindo elementos internos e externos do filme e seus contextos sociais e políticos, segundo Paixão e Trevisan (2020).

Em seu trabalho com educação de adultos, valorizou o protagonismo dos estudantes e da comunidade, inovando na forma e no formato do trabalho, voltado às necessidades de seus alunos. Introduziu os estudos culturais na universidade, defendendo, para além da extensão, a construção de um novo projeto educacional, emancipador, em que professores universitários atuassem extramuros, na edificação de uma sociedade mais democrática, educada e participativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de fundamental importância recuperar a memória dos trabalhos, pesquisas e ações efetuadas por Anísio Teixeira e Florestan Fernandes junto aos pesquisadores do CBPE, do CRPE-SP e dos Centros de modo geral. Muitas foram as contribuições desses intelectuais em momento fecundo no que concerne à investigação sobre a diversidade brasileira, sobre os problemas locais, regionais e de comunidade no afã de desenvolver a nação contemplando suas especificidades. Ao buscar compreender diversos aspectos da realidade brasileira, investigando o nosso folclore, as artes, a ciência, a música, a literatura e a imprensa, ampliaram a produção historiográfica do campo educacional, por meio de pesquisas multidisciplinares que permitiram um olhar mais abrangente para os nossos problemas educacionais, culturais e sociais e suas origens históricas.

Sensíveis à injustiça e desigualdade social, comprometidos com a emancipação das classes populares, desenvolveram projetos destinados à democratização do acesso à educação e cultura, valorizando as características regionais e suas necessidades, articulando a universidade, a pesquisa e os movimentos sociais, tal como Williams, que interagiu em seu trabalho com educação de adultos, em parceria da Universidade de Oxford e a Workers' Educational Association. Williams também contestava a hegemonia burguesa e a dificuldade de acesso à democracia para milhões de trabalhadores que viviam e trabalhavam na Inglaterra: ao buscar conciliar uma política baseada em classes e novos movimentos sociais, o autor galês realizou abordagem relacional dos acontecimentos, considerando uma totalidade social complexa. Não separava cultura erudita e cultura popular e afirmava que a cultura é de todos, não há uma classe específica ou um grupo de homens envolvidos na criação de significados e valores em sentido geral, ou especificamente, em arte e crença e a criação não é restrita a uma minoria. Questionava o fato da maioria do povo ser excluído do sistema educacional.

Anísio empreendeu a luta contra privilégios e exclusão dos pobres durante toda a sua vida e Florestan pesquisou a influência ameríndia e africana em nossa cultura, atento à nossa diversidade. Dedicou-se a investigar os tupinambás e, junto com Bastide, pesquisou as tensões raciais e o negro na sociedade de classes, apontando as desastrosas consequências do racismo em nosso país, marcado pela concentração social e racial da riqueza, da cultura e do poder, condenando o esmagamento cultural do negro, vitimado pela hegemonia de privilégios arcaicos ou modernos (Fernandes, 1989).

Williams enfatizava que a luta contra algo tão profundo como os processos de hegemonia cultural da sociedade capitalista, envolve, necessariamente o trabalho intelectual e educacional e a tarefa do intelectual socialista é se dedicar à construção de

uma sociedade, educada, democrática e participativa. Em consonância com a acepção de Williams, Florestan defendia que o papel do intelectual em país subdesenvolvido é ser agente de mudança cultural e promotor do alargamento da consciência social. Anísio, Florestan e Williams nos deixam importante legado na perspectiva de pensar, construir e trilhar caminhos para a emancipação das classes populares, contemplando a nossa diversidade.

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, Celso de Rui. Os primeiros tempos da pesquisa em sociologia da educação na USP. **Educ. Pesqui.**, São Paulo. V.39. n.3, p. 589-607, jul./set. 2013.

FERNANDES, Florestan. 1º Simpósio sobre problemas educacionais Brasileiros – 1959. CRPE. Seção de Documentação e Intercâmbio. 1965. Acervo do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da USP.

FERNANDES, Florestan. O desafio educacional. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e Sociedade**. 6.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes**. Brasília: INEP, 1991. (Memória viva da educação brasileira, v. 1). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002346.pdf> . Acesso em: 21 out. 2022.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FERREIRA, Márcia dos Santos. Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo: diversificação de ações na educação entre as décadas de 1950 e 1970. **Rev. Iberoam. Patrim.Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v. 7, p. 1-19, e021010, 2021.

FOSTER, Bellamy John. Em defesa da história. In: FOSTER, Bellamy J.; WOOD, Ellen M. (orgs.). **Em defesa da história**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999.

FREITAS, Marcos César de. Desempenho e adaptação da criança pobre à escola: o padrão de pesquisa do CRPE-SP. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 683-698, jul./set. 2014.

GONÇALVES; Luiz Gonzaga; ZITKOSKI, Jaime José. O lugar da pesquisa nos Centros Regionais de Pesquisa Educacional nos anos de 1950 e 1960: revisitando experiências de educação popular a partir do paradigma indiciário. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 348-365, maio/ago. 2019.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. O breve Século XX – 1914-1991. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NUNES, Clarice. Historiografia comparada da Escola Nova: algumas questões. **Revista da Faculdade de Educação**. Vol. 24, n.1, São Paulo, Jan./Jun. 1998.

PAIXÃO, Alexandre Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Raymond Williams, cultura e extensão universitária. **Resgate Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 28, p. 1-23, e020008, 2020.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do regime militar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008.

TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel de Barros. Renovação Educacional: a experiência do Ensino Vocacional no contexto dos anos de 1950-1960. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v.7, p.1-22, e021014, 2021.

TEIXEIRA, Anísio. Sobre o problema de como financiar a educação do povo brasileiro – bases para discussão. Trabalho apresentado ao Congresso Nacional de Educação – Curitiba, 7 a 13 de janeiro de 1954. CRPE. Acervo do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da USP.

TEIXEIRA, Anísio. Ciência e Arte de Educar. In: BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. **Por que não lemos Anísio Teixeira?** 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Forma & Ação, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2015.